

A EXTENSÃO RURAL E OS LIMITES À PRÁTICA DOS EXTENSIONISTAS DO SERVIÇO PÚBLICO

Francisco Roberto Caporal - Autor ¹
José Renato Duarte Fialho - Orientador ²

Vários autores têm se dedicado ao estudo histórico-crítico da extensão rural, do seu discurso e do caráter de sua prática. Não raro, eles concluem que a extensão rural é uma atividade orientada para o desenvolvimento capitalista no campo, sendo sua prática determinada, ideologicamente, para ser um processo educativo domesticador/excludente. Resultaram destas conclusões e destes estudos inúmeras sugestões de mudanças na prática da extensão rural, sem, no entanto, serem efetivamente incorporadas à instituição.

Mais recentemente, verificou-se que surgiu um movimento instituinte, respaldado por condições histórico-conjunturais específicas, levando o aparelho de extensão a realizar o chamado "repensar", que culminou com mudanças sensíveis em seu instrumental teórico, em suas bases filosóficas, objetivos e diretrizes, abrindo possibilidades para transformações na prática dos extensionistas de campo. Todavia, passados vários anos, o que se observa é que a prática extensionista não mudou, sendo, em geral, a mesma prática dominante e reprodutora do "status quo" historicamente criticada por setores da intelectualidade brasileira.

Diante desse cenário, o presente trabalho procura identificar relações que impedem mudanças na prática dos extensionistas de campo e os obstáculos que estabelecem limites dentro dos quais deve se enquadrar essa prática.

O estudo do problema mostrou que, ao assumirem funções de aparelho de Estado, as organizações extensionistas passam a sofrer, imediatamente, as influências do poder relacional do Estado classista, fortemente determinado pelos interesses das classes dominantes-dirigentes. Por sua parte, as próprias organizações, motivadas para o cumprimento de suas funções e visando assegurar sua auto-justificação e manutenção, desenvolvem mecanismos internos, capazes de garantir, pela coerção ou pelo consenso, a reprodução da prática nos moldes historicamente intitulados.

¹ Engenheiro Agrônomo, EMATER/RS.

² Professor Titular do Departamento de Educação Agrícola e Extensão Rural - UFSM.

Assinalou-se, ainda, obstáculos à mudança da prática que são impostos pelos próprios extensionistas, em especial, devido a sua ideologia e posição ambígua de classe.

Conclui-se, então, que sob o comando do Estado capitalista as organizações extensionistas tenderão a desempenhar, sempre, o mesmo papel, atuando através de seus agentes-intelectuais subalternos, no sentido do desenvolvimento excludente do capitalismo no campo, agindo mediante um processo educativo disseminador da ideologia burguesa, capaz de abrir caminho para a reprodução das relações capitalistas de produção.

Finalmente, do conjunto das análises realizadas, parece ser possível afirmar que a superação dos obstáculos, mudança da prática da extensão rural dependerá não só dos espaços conquistados no interior do Estado e seus aparelhos, como principalmente, daqueles mudanças que possam vir a ocorrer com relação à ideologia e posição de classe que movem os extensionistas em seu que-fazer e dão direção aos interesses que defendem em seu trabalho diário. É, pois, necessário que mudem os homens e as mulheres que fazem extensão rural, para que possa mudar sua prática.